

SEMÂNTICA LEXICAL – UMA ENTREVISTA COM MÁRCIA CANÇADO

Márcia Cançado¹

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

ReVEL – Qual é o objeto de estudo da Semântica Lexical? Em que esse recorte se especializa ou se diferencia da Semântica Formal?

Cançado – Valendo-me de Chierchia (1990), começemos pela diferença entre o objeto de estudo da Semântica Formal e da Semântica Lexical. A Semântica Formal, se esse termo é entendido como um tipo de Semântica Referencial, tem como principal foco a investigação da relação da língua com o(s) mundo(s) sobre o qual(is) nós falamos, trata de questões relacionadas ao “mundo público” e vale-se de noções objetivamente não-linguísticas, tais como valores de verdade. Essas teorias referenciais tratam do significado informacional e tem relação com o que Chierchia chama de “aboutness” (‘sobre o que se fala’). Por outro lado, a Semântica Lexical, vista como uma ampla área de investigação, trata do significado cognitivo que envolve a relação entre a língua e os construtos mentais que de alguma maneira representam ou estão codificados no conhecimento semântico do falante. Teorias que tratam do significado cognitivo olham para dentro do aparato linguístico do falante e não estão preocupadas com o “mundo público”, que envolve a comunicação linguística.

Levando-se em conta esse pressuposto básico assumido pela chamada Semântica Lexical, devemos chamar atenção que dentro dessa área há vários tipos de fenômenos

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Webpage de Márcia Cançado: www.lettras.ufmg.br/profs/marciacancado/.

e abordagens que são estudados. Poderíamos afirmar que são muitas “as semânticas lexicais”. Vou seguir brevemente a apresentação de Geeraerts (2010), que apresenta em seu livro *Theories of Lexical Semantics*, uma ampla trajetória das possíveis teorias e tipos de estudo que são elencados como Semântica Lexical. O primeiro estágio da história da Semântica Lexical pode ser datado de 1830 a 1930 e é conhecido como Semântica Histórico-Filológica. Com uma orientação histórica, a preocupação principal concerne às mudanças dos sentidos das palavras: a identificação, classificação e explicação das mudanças semânticas. Por volta de 1930 a 1960, temos a Semântica Estruturalista, evidentemente influenciada e orientada pelo trabalho de Saussure. Em meio a uma variedade de posições teóricas e métodos descritivos que surgem da concepção estruturalista, podemos apontar três pontos que distinguem essa corrente teórica: o aparecimento do conceito “campo lexical”, a análise componencial (traços semânticos) e a semântica relacional (sinonímias, hiponímias, antonímias e meronímias). Em 1963, no artigo intitulado “The structure of a semantic theory”, Katz e Fodor introduzem a noção de análise componencial na gramática gerativa. Em meio a vários problemas enfrentados pelos autores em suas propostas, surge a ideia de se usar o aparato formal da lógica na semântica das línguas naturais. Essa ideia é muito bem recebida por alguns linguistas de formação gerativista (Lakoff, McCawley, Fillmore, Ross, Langacker, entre outros), e com isso surge a Semântica Gerativa. Esse tipo de semântica, em oposição aos sintaticistas gerativos, coloca a semântica, em vez da sintaxe, como a base da arquitetura do modelo formal de gramática, originalmente concebido por Chomsky. Nesse ponto da história da semântica, podemos dizer que surge a análise por decomposição em predicados primitivos, em que se assume que a semântica de um verbo não é unitária, mas composta por subpartes e componentes, os primitivos semânticos. A maneira pela qual esse tipo de semântica decomposicional se ajustava à estrutura da gramática, proposta pelos semanticistas gerativos, foi mais tarde duramente criticada na literatura, o que levou a teoria ao seu esvaziamento. Entretanto, a ideia de decomposição do sentido de itens, expressos em um sistema de predicados primitivos, perpetuou-se nos estudos linguísticos. Muitos semanticistas, tais como Jackendoff, Levin, Rappaport Hovav, Van Valin, LaPolla, Wunderlich, Dowty, Parsons, entre outros, continuam a explorar a ideia de que o significado dos verbos pode ser decomposto em elementos básicos, utilizando-se da noção de predicados primitivos nessas decomposições lexicais. A preocupação central dessas propostas é a

relação entre a estrutura argumental dos verbos e a estruturação e propriedades sintáticas das sentenças. Poderíamos nomear essa linha de uma forma mais adequada como sendo o estudo da Interface Sintaxe-Semântica Lexical. Entretanto, segundo a análise de Geeraerts, esse tipo de estudo se encaixaria em uma vertente do que ele chama de Semântica Neoestruturalista, pois esses estudos, de uma forma ou de outra, dão continuidade às ideias estruturalistas e gerativistas. Outras vertentes dessa linha podem ser encontradas em trabalhos de semanticistas tais como Wierzbicka, Jackendoff (em seus trabalhos mais recentes), Bierwisch, Pustejovsky, que também se valendo da linguagem decomposicional de predicados têm como principal preocupação a interação entre o léxico e a cognição, podendo ser esse tipo de estudo ligado a estudos de Semântica Lexical Computacional (trabalhos do tipo WordNet). E, finalmente, nos anos 80, surge a Semântica Cognitiva, como parte da Linguística Cognitiva, um movimento que se opõe à autonomia da gramática, assumindo que a distinção entre semântica e pragmática é irrelevante. Linguistas como Lakoff, Langacker, Fillmore, Fauconnier, Croft, Goldberg fazem parte desse tipo de proposta que tem como principais orientações a teoria de protótipos, as metáforas conceituais e a semântica de “frames” (‘estruturas’).

Portanto, *grosso modo*, não podemos falar de uma teoria classificada como Semântica Lexical, mas de várias “semânticas lexicais”, e o que teria de comum entre esses estudos é ter como principal objeto a relação entre a língua e a sua representação mental.

ReVEL – Em seus artigos mais recentes sobre a semântica verbal no português, a senhora assume a abordagem da decomposição lexical, na mesma linha, por exemplo, dos trabalhos de Beth Levin e Malka Rappaport Hovav. Quais são as principais vantagens dessa abordagem?

Cançado – Como falei no item anterior, são várias as semânticas lexicais. E, ainda, se focalizamos nosso estudo em um tipo de semântica, como por exemplo, a denominada Interface Sintaxe-Semântica Lexical, onde se encaixa o meu trabalho, temos ainda várias possibilidades de teorias de representações lexicais para o estudo da semântica verbal. Levin e Rappaport Hovav (2005) fazem uma excelente revisão

de todas essas representações, que podem ser dadas por: uma lista de papéis temáticos, papéis temáticos generalizados (proto-papéis), decomposição em predicados primitivos e estruturas de eventos (noções de movimento e locação, a estrutura causal ou estrutura aspectual). As autoras realçam que cada tipo de representação salienta uma faceta cognitiva mais relevante para a realização argumental, mostrando as vantagens e desvantagens dessas propostas.

Até 2010, meus trabalhos envolviam as noções de papéis temáticos, mais como noções generalizadas, para tratar das representações de classes verbais do português brasileiro e sua relação com a sintaxe, que sempre foi o meu principal objeto de estudo. Entretanto, a partir de leituras mais aprofundadas de Hale e Keyser, Levin e Rappaport Hovav, Foley e Van Valin, Dowty e Parsons, meu grupo começou a trabalhar usando a representação lexical por decomposição em predicados primitivos, o que me pareceu uma mudança bem proveitosa em termos de resultados mais consistentes e rigorosos. Vou me valer das argumentações de Levin e Rappaport Hovav e de exemplos do português brasileiro tirados desses trabalhos para ilustrar o motivo dessa mudança de abordagem e porque me parece mais vantajoso trabalhar em uma teoria como a teoria de decomposição em predicados primitivos para se estudar a semântica verbal.

Em um trabalho que acabamos de concluir, descrito no artigo que publicamos neste volume, Cançado, Godoy e Amaral (no prelo) propõem e exemplificam amplamente (860 verbos) que existem quatro grandes classes (e três subclasses) verbais no português brasileiro que denotam um tipo de mudança e podem ser representadas pelos verbos nas seguintes sentenças:

- A soprano quebrou a taça de cristal. (mudança de estado)
- O marceneiro acomodou a mobília no quarto. (mudança de estado locativo)
- O domador enjaulou o leão. (mudança de lugar)
- A cozinheira apimentou a comida. (mudança de posse)

Se usássemos a grade temática dos verbos, uma possível representação das estruturas argumentais dessas classes seria:

- *quebrar*: {Causa (Agente), Paciente}
- *acomodar*: {Agente, Paciente, Locativo}
- *enjaular*: {Agente, Paciente}
- *apimentar*: {Agente, Paciente}

Todas as sentenças acima denotam um tipo de mudança específica, que se reflete nas propriedades sintáticas de cada classe; o que também é ilustrado amplamente no nosso trabalho, com aproximadamente 5500 sentenças. Por exemplo, os verbos de mudança de estado aceitam a alternância intransitivo-causativa, o que não é possível com os outros verbos:

- A taça de cristal (se) quebrou.
- *A mobília se acomodou no quarto.
- * O leão (se) enjaulou. (na leitura incoativa, não na reflexiva)
- * A comida (se) apimentou.

A partir das representações por grades temáticas dadas acima não teríamos como prever a diferença de comportamento gramatical entre os verbos que denotam uma mudança de estado e os verbos que denotam outros tipos de mudança, pois a todos os argumentos que sofrem essa mudança seria atribuído o mesmo papel temático de paciente.

No entanto, usando a linguagem de decomposição em predicados primitivos, podemos capturar essas diferenças de mudança, sem perdermos o sentido recorrente das várias classes dos verbos. Vejamos as estruturas de predicados primitivos propostas em nosso trabalho, salientando que nas estruturas de predicados primitivos podemos distinguir duas partes; a estrutura que representa o sentido recorrente entre os verbos de uma classe, e a raiz que é o sentido idiossincrático do verbo, tem relação com o seu nome e vem representada entre colchetes angulados:

- *quebrar*: [[X_{VOLITION}] CAUSE [BECOME Y <QUEBRADO>]]
- *acomodar*: [[X_{VOLITION}] CAUSE [BECOME Y <ACOMODADO> IN Z]]
- *enjaular*: [[X_{VOLITION}] CAUSE [BECOME Y IN <JAULA>]]
- *apimentar*: [[X_{VOLITION}] CAUSE [BECOME Y WITH <PIMENTA>]]

Primeiramente, podemos observar que o agrupamento proposto para essas classes, verbos de mudança, não é apenas descritivo, mas tem respaldo na estrutura de predicados de todas as classes. O sentido de mudança está explícito em todas as representações semânticas das classes analisadas pelo metapredicado BECOME associado ao argumento interno (seja o argumento interno Y <QUEBRADO>, seja Y <ACOMODADO> IN Z, seja Y IN <JAULA>, seja Y WITH <PIMENTA>). É esse metapredicado que reúne todas as classes apresentadas em uma grande classe semântica. E, ainda, através dos argumentos do metapredicado BECOME, podemos captar as diferenças de mudança: Y <QUEBRADO> representa o estado, Y <ACOMODADO> IN Z representa o estado locativo, Y IN <JAULA> representa o lugar e Y WITH <PIMENTA> representa a posse. São essas informações que dividem os verbos em classes de mudança mais específicas.

Veja, ainda, que em uma abordagem mais fina do conteúdo dos papéis temáticos, seria possível distinguir os “pacientes” mostrados acima, considerando que pode haver pelo menos três tipos de afetação: um “paciente”, afetado fisicamente, que muda de estado, um “tema”, que seria o participante afetado em seu deslocamento, e ainda um “possuidor” ou “beneficiário”, um participante afetado em suas posses. Ou seja, poderíamos propor grades temáticas diferentes para cada uma das quatro classes tratadas aqui. No entanto, tal refinamento significaria perder a representação da generalização de que todas as quatro classes expressam uma mudança. Ou seja, a linguagem da decomposição em predicados primitivos, é, por um lado, capaz de explicitar as diferenças entre as classes, e, por outro, é capaz de abarcar sentidos recorrentes. Na linguagem por papéis temáticos, uma das duas opções deve ser feita: refinar, explicitando-se as diferenças, mas perdendo o sentido comum às classes, ou generalizar, capturando o sentido comum entre as classes, mas perdendo as suas especificidades.

Podemos destacar também que a maior formalização da linguagem nos dá uma descrição mais fina e menos divergente do que a descrição em termos de papéis temáticos, questão já tão discutida na literatura. Ainda, podemos destacar a vantagem de uma linguagem como a decomposição de predicados representar não somente a relação semântica que os argumentos estabelecem com seus predicados, mas também representar a estrutura dos eventos. A partir das representações acima,

podemos dizer se o evento denotado é uma atividade, um estado etc. Esse tipo de informação não é acessível a uma estrutura argumental dada em termos de papéis temáticos.

Finalmente, pode-se destacar que, em uma representação por grades temáticas, não podemos fazer a distinção entre raiz e estrutura, o que é uma grande perda em termos analíticos. Se a raiz representa a parte idiossincrática do sentido do verbo, podemos aí alocar várias propriedades que fazem parte do sentido dos verbos, mas que não são relevantes gramaticalmente para a classificação verbal; as propriedades relevantes para tal classificação são sempre alocadas na parte estrutural e recorrente dos verbos. Tal distinção não é captada por uma linguagem em termos de papéis temáticos. Uma evidência da importância da raiz pode ser exemplificada pelos verbos chamados psicológicos e recíprocos.

Mesmo não tendo como explicar a proposta, aqui, em detalhes, espero ter ilustrado de uma maneira convincente as vantagens da representação lexical através da linguagem formal de decomposição em predicados primitivos em relação à representação lexical por grades temáticas (para maiores detalhes, ver o artigo de Cançado, Godoy e Amaral, publicado nesta edição). Entretanto, é importante realçar que mesmo não sendo, os papéis temáticos, uma representação tão abrangente para classificar verbos, essa representação ainda pode ser um importante instrumento de análise semântica em várias outras esferas, constituindo-se em um relevante instrumento de descrição linguística.

ReVEL – A senhora trabalha com uma interface entre Semântica Lexical e a sintaxe das línguas naturais. Que tipo de trabalho pode ser desenvolvido em Semântica Lexical e suas interfaces com a Sintaxe e a Morfologia?

Cançado – Como disse acima, os trabalhos na Interface Sintaxe-Semântica Lexical são muitos e é uma área de pesquisa bem sedimentada. Os trabalhos desenvolvidos nessa abordagem visam principalmente explicitar e representar as propriedades semânticas que têm interferência em propriedades sintáticas (como alternâncias

verbais, passivas, reflexivas etc) e propor regras de ligação entre a estrutura semântico-lexical e a sintaxe (hierarquia temática, regras de linking). Na última questão da entrevista, indicarei algumas leituras relevantes.

Já sobre a interface entre Semântica Lexical e Morfologia eu não conheço muitos trabalhos e também não conheço bem a área. Tenho uma única orientação de Iniciação Científica na área (Meirelles, L. Análise semântica do prefixo *re-* em classes verbais do português brasileiro. Relatório de IC, 2013), que é sobre o funcionamento do prefixo *re-* que apresenta a ideia de repetição. Nesse trabalho mostramos a que grupo de verbos do português brasileiro esse prefixo pode se aderir para formar palavras derivadas, que o aspecto lexical restringe ou licencia tal derivação e damos um esboço de qual seria o papel desse prefixo dentro de representações verbais dadas por estruturas de decomposição em predicados primitivos.

Além disso, posso citar alguns trabalhos mais específicos sobre o tema, existentes na literatura:

- Jackendoff, R. (1975). Morphological and Semantic Irregularities in the Lexicon. *Language* 51, p. 639-671.
- Rappaport Hovav, M.; Levin, B. (1998). Morphology and Lexical Semantics. In: Spencer, A.; Zwicky, A. *Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, p. 248-271.
- Aronoff, M; Anshen, F. (1998). Morphology and the Lexicon: Lexicalization and Productivity. In: Spencer, A.; Zwicky, A. *Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, p. 283-305.
- Lieber, R. (2004). *Morphology and lexical semantics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

ReVEL – Que tipo de trabalho vem sendo desenvolvido no Brasil, especialmente com dados do português brasileiro, na área de Semântica Lexical?

Cançado – Posso apontar alguns trabalhos que conheço mais de perto, dentro da área específica da Interface Sintaxe-Semântica Lexical.

Primeiramente, gostaria de destacar o meu grupo de trabalho, que é, naturalmente, sobre o qual eu tenho mais conhecimento e sobre o qual posso falar com mais propriedade. O NuPeS (Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical), coordenado por mim e composto por orientandos, desenvolve pesquisas na Interface Sintaxe-Semântica Lexical desde 1995, trabalhos esses sempre baseados em muitos dados do português brasileiro; lição que aprendi com o meu saudoso orientador, Carlos Franchi, e de quem eu diria ser o precursor dos estudos da Interface Sintaxe-Semântica Lexical no Brasil. Basicamente, nossos trabalhos tentam agrupar os verbos em classes sistemáticas, delimitadas pelas suas propriedades sintáticas e semânticas, e propõem representações das estruturas argumentais dessas classes. Como já enfatizei acima, os trabalhos, até 2009, utilizavam e exploravam muito a linguagem por papéis temáticos. A partir de 2009, começamos a trabalhar com a linguagem de decomposição em predicados primitivos, passando a ser a delimitação desses primitivos, também, um dos objetivos da nossa pesquisa. Gostaria ainda de enfatizar que, além das teses, dissertações e monografias com todos esses dados analisados estarem disponibilizadas na página: www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes, acabamos de concluir um amplo e longo trabalho, teórico e empírico, eu juntamente com duas orientandas, Luisa Godoy e Luana Amaral, que é um *Catálogo de Verbos do Português Brasileiro*. Esse trabalho, que se assemelha em alguns pontos ao trabalho de Levin (1993) para o inglês (*English Verb Classes and Alternations*), cataloga 860 verbos do português brasileiro em 4 classes e 3 subclasses, definidas pela estrutura argumental dada em termos de estruturas de predicados primitivos, que apresentam propriedades sintáticas e semânticas comuns, tais como: aceitação de agentes e/ou causas, alternâncias causativas, ocorrência do clítico *se*, passivas, adjunção por instrumentos, aspecto lexical, grade temática, entre outras; e, também, traz informações sobre as reflexivas e algumas outras alternâncias, além de nomear quais verbos podem ser classificados como psicológicos e recíprocos. Todas essas propriedades são exemplificadas em cerca de 5500 sentenças. Poderia, ainda, dizer que esse trabalho apresenta uma consistente introdução à Interface Sintaxe-Semântica Lexical, como parte teórica. O livro vai ser editado pela Editora UFMG e logo estará disponível. Deixo registrada a minha satisfação em concluir um trabalho dessa natureza, pois, com certeza, além de ser uma ampla descrição do léxico verbal do português brasileiro, também traz uma relevante contribuição para a compreensão

do funcionamento da gramática do português e pode ser um importante instrumento de pesquisa para linguistas.

Posso citar, também, os trabalhos desenvolvidos por Maria José Foltran e Teresa Wachowicz, na UFPR, trabalhos esses que têm como foco de pesquisa principal a relação do aspecto lexical com dados do português brasileiro. Ainda, na UFRGS, existe o grupo de Sérgio Menuzzi que vem desenvolvendo pesquisas sobre a relação entre a semântica lexical dos verbos e a realização sintática de seus argumentos, usando dados do português brasileiro e utilizando-se também da linguagem formal de decomposição em predicados primitivos. E o trabalho desenvolvido por Perini, na UFMG, que visa fazer uma descrição das valências dos verbos do português brasileiro, utilizando-se de grades temáticas e as possíveis construções sintáticas de verbos utilizados na fala.

Evidentemente, essa lista não se encerra aqui, citei apenas aqueles pesquisadores com os quais tenho mais contato, existindo vários outros trabalhos, que, de uma maneira ou outra, se esbarram nesse tema de investigação.

ReVEL – A senhora poderia sugerir para nossos leitores algumas leituras essenciais sobre Semântica Lexical?

Cançado – Farei indicações exclusivamente para quem vai trabalhar com a Interface Sintaxe-Semântica Lexical.

Para um panorama das abordagens (uma leitura primeira e indispensável):

1. Levin, B. e Rappaport Hovav, M. 2005. *Argument Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

Para leituras mais genéricas sobre estrutura argumental:

2. Pinker, S. (1989). *Learnability and Cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press.

3. Pinker, S. (2007). *The Stuff of Thought*. New York: Penguin Books.

Sobre papéis temáticos:

4. Dowty, D. (1991). Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619.

5. Jackendoff, R. (1990). *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press.

6. Van Valin, R. (2005). *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press.

7. Cançado, M. (2005). Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56.

Sobre decomposição em predicados primitivos:

8. Dowty, D. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel.

9. Parsons, T. (1990). *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press.

10. Jackendoff, R. (1990). *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press.

11. Van Valin, R. (2005). *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press.

12. Cançado, M.; Godoy, L. (2012). Representação Lexical de Classes Verbais do PB. *ALFA*, v. 56, n. 1, p. 109-135.

13. Cançado, M.; Godoy, L. (a sair). Predicate decomposition, and linking syntax and semantics: a Brazilian Portuguese analysis. *Linguistik Online*, 59.

Sobre sintaxe lexical:

14. Hale, K.; Keyser, S. (2002) *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.

Para consulta sobre dados do inglês:

15. Levin, B. (1993). *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: The University of Chicago Press.

Para consulta sobre dados do português:

16. Borba, F. (Coord.) (1990). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora Unesp.

Além do nosso catálogo de verbos que estará disponível brevemente:

17. Cançado, M.; Godoy, L.; Amaral, L. (No prelo). *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Para leituras mais específicas na área, sobre o inglês, olhar todos os artigos de Levin e Rappaport Hovav; e sobre o português brasileiro, olhar os nossos trabalhos na página do NuPeS, www.lettras.ufmg.br/nucleos/nupes ou na minha página, www.lettras.ufmg.br/lettras/profs/marciacancado.